

**A AUTOÉTICA, A SOCIOÉTICA, A ANTROPOÉTICA PRODUZINDO
A EDUCAÇÃO BIOANTROPOÉTICA: O FLORESCIMENTO DOS ESTUDOS
MORINIANOS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E EM PROCESSOS
POTENTES DE CONVIVÊNCIAS HUMANAS**

Ana Felícia Guedes Trindade, Poiesis/Ufrgs, escidada@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo reflete, muito pontualmente, sobre os Âmbitos Ativos de Universo Ético: a Autoética, a Socioética e a Antropoética, num compôse com a Bioantropoética, ética essa, profunda, que o Pensamento Complexo propõe. A pesquisa que faz a base desse estudo, realizou-se entre 2009-2011, e como dobras epistêmicas, teve algumas linhas contínuas de estudos e pesquisa entre 2012-2015. O recorte do estudo que será apresentado refere-se ao primeiro período citado, caminha pelas bases sociológicas e filosóficas morinianas, carrega estudos-dobras de Pesquisa de Mestrado/Doutorado/PUCRS/CAPES, em Bioantropoética, a qual concebe a Ética como um movimento a se constituir pelas circunstâncias antropológicas, históricas, sociais, culturais, psíquicas, que os sujeitos humanos vivem, na perspectiva da assunção e criação dessa Ética. Reflete sobre a concretude da produção de Práticas Pedagógicas desenvolvidas na caminhada pessoal e profissional de professores e professoras de dois espaços educativos, com crianças e jovens, em Porto Alegre/RS, considerados como experiências criativas, transdisciplinares e solidárias para uma cidadania planetária. Propõe aceitar a viver o convite vivo, arrojado, amoroso, justo e ousado de Morin: a experiência poiética fascinante e arrebatadora de produzir uma Educação Bioantropoética, que se mostra e se comprova possível em plataformas do Pensamento Complexo.

Palavras-Chaves: Práticas Pedagógicas. Ética. Educação Bioantropoética.

“Somos do tecido com o qual se fazem os sonhos”.
Shakespeare

Entre tantas urgências que se cruzam e se manifestam, mas com uma decisão humanamente comprometida com o tempo histórico que vivemos e com a história das crianças, jovens e adultos com quem diariamente me encontro, afeto e me afeto, defini o tema e o campo desse estudo de um lugar pulsante, *que por existirem belos e possíveis, são parecidos com aquele tecido que se fazem os bons sonhos*, para pensar, com comunidades aprendentes, a produção cultural ética que nos compõe, e que se faz como potência, e que permite evoluções muito rápidas em nossos processos de hominização e humanização. Desejava viver uma pesquisa que pudesse investigar, em comunidades educativas transformadoras, sujeitos humanos que têm contribuído na formação e educação integral de crianças e jovens, a partir da complexidade e

transdisciplinaridade, das suas convivências humanas, assim como têm percebido a intensidade ética em si mesmo, como lidam com isso e como podem reorganizar seus próprios processos éticos, incluindo a partilha dessas evoluções por meio de práticas pedagógicas e convivências humanas potentes e transformadoras. Assim, o estudo que trago aqui, obviamente um recorte muito pequeno da vastidão do Pensamento Complexo, referencia-se nos estudos de Ética, em Edgar Morin, e debruça-se nas interdependências entre a Autoética, Socioética e Antropoética, ao mesmo tempo produzindo a Bioantropoética, como apoios sustentáveis na construção de novos movimentos curriculares, escolarizados ou desescolarizados na perspectiva de compreendermos a verdadeira e definitiva possibilidade da sua realização.

A defesa dos valores da vida necessita de uma “Ciência da Vida e de uma Política da Vida”, para Morin. Necessita de estudos teórico-práticos capazes de produzirem uma nova ética para viver, conviver, aprender e ser. Assim, desejo contribuir com a reflexão sobre o quanto os estudos morinianos fazem-se presentes em Práticas Pedagógicas desenvolvidas na perspectiva de convívio solidário e humanizador, investigando possibilidades concretas de reflexão mais profunda acerca da potência do humano para assumir uma condição mais plena de sua humanidade. Nessa tentativa de colaboração, busquei duas escolas que vivem Práticas nessa linha, preocupadas com a construção da Ética, com crianças e adolescentes: a Escola Amigos do Verde, instituição da rede particular e a Escola Municipal Lidovino Fanton, escola pública situada em região periférica e vulnerável socialmente, ambas de Porto Alegre/RS. Os sujeitos pesquisados foram professores que desenvolvem Práticas Pedagógicas afinadas com o Pensamento Complexo e pôs-me, então, a conhecer os movimentos éticos que eles constituem em suas vidas o que ocorreu a partir das seguintes problematizações:

TECITURA 1: A Ética na vida pessoal do professor/professora e a Ética presente em suas experiências profissionais

O que é Vida? O que é Ética, para você? Como você tem experimentado a Ética em seus viveres pessoais? Quais os valores que sustentam a sua vida? E que, portanto, sustentam a sua ética de viver? Você tem conseguido estabelecer uma relação prática entre a ética da sua vida e a sua vida profissional? Como isso se concretiza no seu trabalho? Que dificuldades aparecem nesse sentido? E como você lida com essas dificuldades?

TECITURA 2: A Ética da Vida dos professores/professoras e das suas vidas profissionais em suas Propostas Pedagógicas

Como se concretiza em suas Propostas Pedagógicas a Ética da sua vida e a Ética que consideram ter em suas vidas profissionais? E como dão-se essas presenças em suas Práticas Pedagógicas? Consideram que suas maneiras de viver influenciam nas suas relações pedagógicas?

TECITURA 3: A Ética desse professor/professora presente nas Práticas Pedagógicas, consolidando valores nas vidas dos estudantes

Na prática, como tem planejado para que seu trabalho esteja entremeado pelo conceito e valor ético? Que estudos, reflexões e vivências tem sido propostos para ajudar no processo de consolidação de valores éticos dos/das estudantes? Como percebe que os estudantes têm compreendido essas intenções? Como você tem se nutrido para trabalhar assim?

Essas três questões orientaram os caminhos das investigações e apresento-as para que, mais adiante, possamos perceber como os Âmbitos Ativos as permearam. Porém, nesse trabalho, não trarei as respostas das questões, nem os resultados da Pesquisa, como deixei claro na introdução. O objeto de nossa reflexão são os Âmbitos Ativos de Universo Ético, em suas existências e presenças no processo de construção da Ética vida afora. A Autoética, a Socioética e a Antropoética, numa compreensão acadêmica mais fechada, podem e já foram, muitas vezes, tratadas como Categorias de Pensamento. Construí um processo de reflexão sobre essa questão e defendo-as, arrojadamente, como Âmbitos Ativos de Universo Ético, a começar por uma questão de alinhamento de nomenclatura com os estudos complexos elaborados em minha trajetória. Penso-os como Âmbitos Ativos de Universo Ético por se configurarem como campos ativos, em plena ação, os quais recebem, acolhem e transformam os traços intensos que seus elementos propõem, nesse caso, os elementos indivíduo, espécie e sociedade, a tríade moriniana. Âmbitos Ativos porque sendo espaços subjetivos, possuem profundidade e espaçiosidade, produzem-se como espaços ampliados que acomodam, acamam, abarcam as interações que se dão entre os elementos, em suas naturais moções, mobilidades, intensidades e ebulições. Poderemos pensá-los em Âmbitos, por se localizarem em espaços interdependentes, como receptáculos, boticas, ou melhor, a

uma cisterna a qual acolhe a água da chuva, onde a água, por sua vez, cai exatamente no espaço que lhe é, que lhe tem, que lhe existe. Assim, o Âmbito Ativo acolhe a cada uma, a Auto-Ética, a Sócio-Ética, a Antropoética, em processos amplos, abertos, sujeitos a fendas, resquícios, orifícios, o que pode movimentar a sua recepção ou seu movimento, ou comprometer, talvez. Caso a Auto-Ética não abarque todas as águas dos movimentos do indivíduo, e elas se derramarem e se misturarem com as águas da Sócio-Ética, ou essa última abarcar águas da Auto-Ética ou da Antropoética, por exemplo, não nos causará estranhezas, pois os Âmbitos Ativos dialogam, suas zonas são comunicativas e interativas, trans-ferem, trans-põem, trans-gridem, trans-(a)colhem, trans-ce(n)dem, fazem-se em movimentos, ebulem, fervem, agitam-se, produzem efeitos, derramam-se, fazem transbordar e transbordam-se. Nesses marges e transbordamentos, banham e banham-se, em águas próprias e em águas de outro e outro. São rios que se comunicam, se afluenciam e correm em turbulências, e buscam, sempre, mais espaço, mais mar. Nesse arquétipo que uso, a Bioantropoética poderia ser o mar, os oceanos, o “âmbito ativo-síntese” da Auto, Sócio e Antropoética – poderia ser o coração da Ética a partir de uma linhagem humana que se percebe complexa e sistêmica.

Assim, Âmbitos Ativos de Universo Ético se constituem. Os sujeitos, a espécie, a sociedade são espaços vivos, corpos-espíritos inquietos e em expansão, atravessados por múltiplos elementos em que a Auto-Ética, a Sócio-Ética e a Antropoética também se gestam, nas emoções e languageares, atravessados pela heterogeneidade de vivências, experiências, conhecimentos. Pois as Práticas Pedagógicas dessa Pesquisa, as quais inspiram todos esses estudos, posicionaram-se nesses três Âmbitos Ativos de Universo Ético, integralmente. Foram grandes chaves, insígnias vitais, marcantes pegadas para a investigação que o trabalho se propôs, assim se fazendo, as três, coexistindo:

A Auto-Ética

A Ética que vai se fazendo constituir no sujeito, na sua individuação, que se gesta nas interações desse sujeito com seu contexto real e vivo, com suas condições históricas e culturais e gera-se no nível da autonomia individual é o que Morin designa como Auto-Ética. Segundo o autor,

A Auto - Ética alimenta-se de fontes vivas – psicoafetivas, antropológicas, sociológicas, culturais - o sujeito sente o apelo do princípio altruísta e o apelo da solidariedade. Mesmo assim, a autonomia ética é frágil e difícil, a partir do momento em que o indivíduo experimenta mais o mal-estar ou a

angústia das incertezas éticas que a plenitude das responsabilidades (MORIN, 2007, p. 92).

Auto-análise, auto-crítica, busca de si, de sua hombridade, tomada de responsabilidade, resistência à lei de Talião, são parte daquilo que Morin chama de “Nova cultura psíquica”, uma Ética de Si. Morin também nos lembra da necessária Ética da Compreensão, que nos remete a um olhar compreensivo dos desvios humanos, com abertura para o perdão; indica-nos uma Ética da Cordialidade, em que possamos exercitar todo o nosso processo acumulado de hominização e humanização, em posturas de cordialidade e civilidade; indica-nos uma Ética da Amizade, em que a fidelidade esteja sacramentada como um valor que se vive com os amigos, com os amores, com as pessoas todas com quem nos cruzamos, nos relacionamos, convivemos. Tanto a Ética da Compreensão, quanto a Ética da Cordialidade, quanto a Ética da Amizade fazem parte da Ética da Religação, do âmbito da Auto-Ética, para Morin (2007), em que sustenta que o maior problema ético para cada indivíduo é o da sua barbárie interior, do seu egocentrismo, o que exige dos sujeitos um longo trabalho de aprendizagem e de enraizamento da reflexividade. Para isso, é necessário reabilitar a introspecção, a reflexão. Auto-Ética é a Ética da Auto-religação. Portanto, ela estará sempre fadada a lutar com as contradições do fechamento egocêntrico e a abertura altruísta. É claro que nesta luta, para que haja a religação, ela exigirá a abertura ao outro e a compreensão do outro. Morin enfatiza: “A Ética para si, no sentido em que comporta lealdade, honra e responsabilidade, conduz a Ética para o outro”.

A Socioética

Como este sujeito sai de uma relação ensimesmada e busca o outro, numa dimensão ética é o que o âmbito da Socioética deseja desvelar. Morin chama a Socioética também de Ética da Comunidade (2007, p.147). Mesmo que em sociedades históricas, os conflitos e agressões desenvolveram-se, a Ética da Comunidade, mesmo adoecida, nunca se extinguiu. Foi o que fez com que chegássemos até aqui. Se existiram e existem a ordem que se estabelece pelas forças e poder, é tão verdade que a Ética de Comunidade liga os indivíduos por um sentimento de Nós, de coletivo, de irmandade. Historicamente, a sociedade organizou-se pelos credos, pelas forças, pelos regimes, pela igreja, pela fé judaico-cristã, pelo poder, pela família patriarcal, pela pátria. E estas

relações geraram mundos e unidades. Unidades permeadas pela submissão e pelo adestramento, pela desconstituição e pelo medo, pelo egocentrismo e hegemonias. As famílias foram e continuam encolhendo, pelo desaparecimento daquilo que a Sociologia chama de Grandes Famílias, os poderes foram e continuam caindo, as poderosas religiões foram e continuam se desreificando. E ficamos e estamos nós aqui, existindo. Na desordem, caos para alguns. Cada vez mais nus. Desejando nos encontrar em nossas verdadeiras humanidades e em nossas verdadeiras possibilidades de nos relacionarmos.

“Os atuais comunitarismos, surgidos nas grandes nações tentam proteger identidades coletivas, mas não ressuscitam a influência da comunidade na vida do indivíduo de forma mais sólida. Então, a Auto-Ética permanece necessária para obter solidariedade e responsabilidade pela via individual e consciente, embora tenhamos cuidado, pois um grande problema surge na contemporaneidade que é o subdesenvolvimento da Auto-Ética. Quanto mais uma sociedade é complexa, menos são rígidos ou coercitivos os limites que pesam sobre os indivíduos e os grupos, de maneira que o conjunto social pode se beneficiar de iniciativas, estratégias, invenções ou criações individuais. Mas o excesso de complexidade destrói os limites, flexibiliza o laço social e, no extremo, a própria complexidade dilui-se na desordem. Nessas condições, a única proteção de alta complexidade está na solidariedade vivida, interiorizada em cada um dos membros da sociedade. Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela precisará de Auto-Ética” (2007, p. 149).

A Vida democrática que sugere nossa contemporaneidade e nossa condição de seres políticos é um artefato da complexidade social. São instituídos direitos e liberdades, em que os sujeitos definem escolhas e decisões, formas de viver e conviver. Embarçam-se nas produções históricas e culturais, econômicas e sociais que eles mesmos tecem para viver. Embora a presença dos dissabores da vida social, é ela que afirma nosso processo de convivência, de solidariedade, de responsabilidade consigo, com o outro, com as ambiências da vida, com o planeta. Entrelaçamo-nos no outro para ficarmos potentes, para lutarmos por uma vida maior e melhor, mais plena e mais transparente, mais produtiva, mais criativa. Superar os egocentrismos que a própria sociedade gerou só será possível na aliança com o outro. É no pensamento coletivo, nas identidades coletivas que poderemos enfrentar os fenômenos multidimensionais, compreendendo-os, refletindo-os, para aprender a ver e viver numa sociedade complexa, de fato. Estaremos assim, caminhando para uma opção consciente de desejarmos constituir uma nova linhagem humana, baseada numa matrística fraterna, de Homo Sapiens Humans Ethicus, que pode e deseja viver a Antropoética.

A Antropoética

Nessas tramas que se tecem entre indivíduo-espécie-sociedade, numa urdidura cambiante de Auto-Ética e de Sócio-Ética, também tramados, surge a Antropoética. Como os Âmbitos Ativos de Universo Ético, Auto-Ética, Sócio-Ética e Antropoética, vão se tecendo muito simultaneamente, assim também os elementos de vida, de mundo, de existência, vão se atravessando, embaraçando, desembaraçando, tecendo, destecendo, tramando, destramando, trançando, sejam históricos, culturais, sociais, econômicos, em quaisquer contingências ou contextos, em processos rizomáticos de existências. A Antropoética quer recuperar a história de nossa espécie, de nossos ancestrais, dos acúmulos que fizemos nesses aproximados 12 mil anos, ou se pensarmos na Gaia, mais ou menos 4 bilhões e meio de anos. Nesse sentido, coloca-se com dimensão de cuidadora, como lembra Morin:

“A Antropoética ergue no nível ético a consciência antropológica que reconhece a unidade de tudo o que é humano na sua diversidade e a diversidade em tudo o que é unidade; daí a missão de salvaguardar por toda a unidade e a diversidade humanas”(2007, p.160).

Estamos vivendo hoje uma comunicação planetária jamais vista, o que coloca-nos como humanidade em conexão para pensarmos e gestarmos uma era mais solidária. Estamos superando distâncias geográficas. O desafio está justamente em tentarmos superar as distâncias nas relações. A Antropoética deseja problematizar a lógica egocêntrica/altruísta do indivíduo, assumindo a abertura à compreensão, mantendo a “racionalidade no ardor da paixão, a paixão no coração da racionalidade, a sabedoria na loucura”, coloca-nos Morin (2007, p. 159). A Antropoética exige a assunção de uma consciência mais ampla e espiritualizada, de maneira que estejamos no mundo mais atentos, situados e cuidadosos. A Fusão desses Âmbitos Ativos de Universo Ético, existentes a partir da tripla fonte bio-antropo-sociológica, indivíduo, espécie, sociedade, constitui aquilo que chamaremos de Bioantropoética.

A Bioantropoética

Morin inicia seu Método 6 – Ética, com os seguintes escritos:

“A Ética manifesta-se para nós, de maneira imperativa como exigência

moral. O seu imperativo origina-se numa fonte interior ao indivíduo, que o sente no espírito como a injunção de um dever. Mas ele provém também de uma fonte externa: a cultura, as crenças, as normas de uma comunidade. Há, certamente, também uma fonte anterior, originária da organização viva, transmitida geneticamente. Essas três fontes são interligadas como se tivessem um lençol subterrâneo em comum”(2007, p.19).

Diante da formação da tríade inseparável indivíduo, espécie, sociedade, Morin, no Método 5, aprofunda a formação biológica e cultural do ser humano e o afirma como 100% biológico e 100% cultural. Situa o ser humano na concepção hologramática, o qual contém o todo da espécie e da sociedade, sendo singular. Afirma a sua carga genética e os seus traços culturais que constituem-se nas relações. Esse sujeito humano provém de fontes biológicas, culturais, históricas, individuais e sociais, que jorram e encharcam, intermitentemente, nas próprias águas do seu próprio viver humano. Vejamos que essas fontes constituem uma Ética de Vida, poderemos dizer de Vida da Vida, de Vida de Verdade, de Vida Prática – uma Ética da Vida, uma Ética para ser vivida, pensada, tramada e reinventada. Uma Ética livre, democrática, do Bem. Que possa sintonizar as vidas em comunhão, sem regular. Que possa conceber a alegria, o prazer, a realização, a vitalidade, a vibração das combinações coletivas como compromisso a ser honrado por puro respeito e consideração. Uma Ética que aposte muito nas conversações, nas falas humanas, nos sentimentos, nas emoções, nos languageares, nas potências humanas. Uma Ética que exija assunção da condição humana na sua plenitude, no seu melhor, na sua potência. Então, uma Bioantropoética, a Ética do Bem-Viver.

Um dos grandes valores da Bioantropoética é que ela reconhece a vida e a força do ser na sua plenitude. Reconhece a sua biologia. Reconhece a sua cultura. A natureza biocultural do humano é, a cada instante, a cada dia, incessantemente recomeçada e reconstituída pelos esforços do seu próprio ser, do grupo, da sociedade humana. Assim, não se justificam os cortes separadores entre natureza e cultura, entre bios e antropos. Não somos seres sobrenaturais, onipotentes, das alturas ou etéreos. Somos vivos, temos vida, temos a vida e a vida nos tem e vivemos a vida que é nossa e a vida que é de outros seres. Prestemos atenção na beleza de compreensão que Morin tem acerca disso:

“Vivemos a vida vivendo vivendo a nossa vida. Vivemos a vida mais antiga e a vida mais atual. Somos, como todos os outros vivos, provenientes do mesmo antepassado, e este antepassado que não cessou de se desdobrar, vive em cada uma de nossas trinta bilhões de células, assim como em todo o nosso ser. Somos vivos. Nenhuma das dimensões do nosso ser surgiu fora da

evolução biológica que conduz à hominização. Somos diferentes dos outros seres vivos porque esta cabeça viva desenvolveu novas formas de vida: vida das ideias, vida do espírito, vida da sociedade”(2005, p. 474).

Assim, a Bioantropoética coloca-nos, entre muitos, esse desafio: o da tomada de consciência da nossa responsabilidade pela vida e diante da vida. Defender a vida implica defender os valores da vida, os valores éticos da vida. E nos exige “a reagir com o amor da vida e com uma política de vida”, reforça Morin.

Pensar políticas de Vida que constituam valores humanos éticos duradouros é possível. Quando conhecemos ou vivemos, observamos ou pesquisamos a Vida com um olhar mais cuidadoso, conseguimos enxergar dezenas de práticas de Bem-Viver. Assim, nas Escolas. Existem milhares de educadores e educadoras que colocam suas intenções pedagógicas no âmbito do Amor Político. Constituem, diariamente, exercícios de viver eticamente com suas crianças e jovens, nutrindo sua natureza e cultura com novas referências de se fazer humano. Milhares de educadores e educadoras investem, como as Práticas Pedagógicas observadas por esse estudo, na infância e na juventude, despertando-lhes a consciência política e a assunção de suas condições humanas com responsabilidade e amorosidade.

A Bioantropoética é uma das novas bases potentes para pensarmos a Ética. Uma das bases em que pode ser pensada, porque se alinha na concepção de Valores Éticos, se aproxima, assim, pela própria complexidade e consideração da natureza humana em toda sua multidimensionalidade, podendo fazer emergir uma nova linhagem humana, uma matrística nova de viver novos jeitos de viver. Uma matrística que exija da comunidade humana a assunção da responsabilidade pelo próprio mundo que geramos com nossos viveres e conviveres, que acredite que é no jogo complexo, sistêmico e tenso entre nossas condições individuais e sociais que temos vivido, que repousa a gênese das transformações culturais e sociais.

O conhecer humano é sempre vivido numa tradição cultural. Nessa vivência do conhecer, encontramos-nos com o nosso próprio ser. Entre as linguagens, os linguajares, as conversações, as ações e os conviveres é que podem se constituir o fundamento do conhecer humano. Essa circularidade que é cognitiva, social, psíquica, espiritual fundamenta a explicação científica do conhecer o conhecer. Nessa trama, o conhecimento do conhecimento pressiona-nos a assumir mais cuidado com as certezas,

a reconhecer que nossas certezas podem não ser verdadeiras. Também nos convida a refletir sobre “o mundo” que vemos e constituir relações com “um mundo” ou com “os mundos” que construímos com os outros. Essa cadeia interdependente gesta a Ética. Uma Ética que se gera pelas estruturas biológicas e sociais do ser humano e também pelas estruturas culturais e históricas do ser humano. Ela se gesta no âmago, no ápice, na culminância do Conviver. Ela se gesta na profusão da gestação do mundo que construímos com os outros, com nossos pares de conviveres, num acoplamento estrutural social humano inerente à natureza humana. Por isso, ela é uma Ética Antropológica, uma Ética Cultural, uma Ética Biológica. É uma Bioantropoética.

A Bioantropoética é a Ética que permeia essas dimensões comprometidas pela concretude da existência humana mais integral, mais natural, mais alternativa, de onde consciência e espírito humano emergem, tramando-se com a comunidade em que habita e com a própria espécie de que faz parte, vivendo a Biofilia. A Bioantropoética supõe, essencialmente, a assunção da condição humana indivíduo/ espécie/ sociedade na complexidade do que somos; supõe alcançar o nosso melhor ou máximo de humanidade; supõe a assunção do destino humano que portamos, em suas contradições e plenitudes, sempre problematizado, percebendo-se na sua incompletude.

A Bioantropoética se faz viva. Não é uma Teoria complexa perdida no meio das páginas dos livros do Pensamento Complexo. A própria espécie, o indivíduo e a sociedade sempre estiveram e permanecem elaborando, em todos os tempos, em todos os espaços, a existência da Bioantropoética ou a negação dela. Nos múltiplos espaços sociais, a Bioantropoética se faz presente, sempre num movimento cintilante e alucinante de produção e auto-produção. Ou não. Mas a própria negação da Bioantropoética manifesta a sua presença onírica vital.

A Escola é um desses espaços, vivo e nobre da Produção da Bioantropoética. Gestam-se ali encontros infinitos de seres dinâmicos, complexos e sistêmicos. Nobre, pela incidência e reincidência desta dinamicidade e perpetuação sistêmica.

Quando desenvolvemos Práticas Pedagógicas com sujeitos sociais, em que a eles foi resguardado espaço respeitoso de compreender sua natureza humana, de interpretar a trajetória de sua espécie, de perceber os atravessamentos materialistas-históricos, de ler seus contextos vivenciais e assumir os seus compromissos políticos e sociais com a comunidade a que pertencem, estamos realizando Educação Bioantropoética. Estamos

exercitando Bioantropoética. A Bioantropoética está criando um corpo. Ali, existindo. Quando desenvolvemos Práticas Pedagógicas que constituem a decisão individual consciente, a organização coletiva consciente, a partir da compreensão imprescindível de assumir a condição humana como sujeito/indivíduo e espécie/coletivo, estamos produzindo a Bioantropoética. Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida são constituíveis, embora complexas. Exigem, também dos educadores que as elaboram, um próprio movimento bioantropoético, no que se refere à superação da reprodução das próprias práticas que vivenciam enquanto estudantes, civilizando e sensibilizando sua relação com ideias de superioridade e possessão, ou “de manter a consciência que nos permite simultaneamente a auto-crítica, a crítica e a compreensão”, como traz Morin (2005).

Encontro-me, debruçada há algum tempo, dedicada a alguns anos a colaborar na expansão do conceitual da Bioantropoética, a partir daquilo que Edgar Morin iniciou, nos Métodos todos. Para poder hoje estar colaborando, de maneira muito efetiva, em minhas e tantas outras Práticas Pedagógicas, especializei-me em Bioética e Educação, realizei estudos de Mestrado e Doutorado em Educação e Educação Filosófica com ênfase em Ética da Vida, para poder estender, extender, entender, expandir, nutrir as pesquisas em Bioantropoética, no campo das Ciências Humanas. E percebo o quão longe ainda encontro-me dos âmagos e profundezas dessa Biologia-Cultural, para ser vivida e tomada pelas nossas humanidades. Mas vejo-a, a encontro-a, percebo-a, acompanho-a, presencio sua existência, diariamente. Essa Ética gesta-se na dramática convivência humana, permeada pelas realidades históricas, sociais e culturais que essa convivência carrega em sua essência. Eis sua complexidade. E os achados da pesquisa citada, na sua totalidade, provam e comprovam o quanto todas as teorias, estudos, pesquisas, reflexões, conjecturas que arremessam o Pensamento Complexo para uma linha de pensamento transformador e revolucionário são possíveis de se concretizar e realizar, e concretizam-se e realizam-se. Nesse estudo, não trouxe essas constatações, as quais estão disponíveis nos materiais produzidos em repositórios digitais ao alcance de todos e todas, citados na Bibliografia colocada ao final dessa narrativa. Preferi, sim, trazer um ponto de luz, mais didático e ampliado, os Âmbitos Ativos de Universo Ético, que podem colaborar, muitíssimo, em estudos, pesquisas, investigações, projetos e processos daqueles e daquelas que desejam percorrer esse caminho de pensar como a

humanidade poderá ir tecendo seus processos de conceber, pensar, sentir, viver a Ética, na sua inteireza. Por meio deles, também fazer alguns movimentos que nos orientem para possíveis concretudes do Pensamento Complexo e de uma Educação Bioantropoética - tão reais, tão possíveis de realizáveis. E estaremos, cultural e historicamente, colaborando com os esforços imensuráveis que Edgar Morin e tantos e tantos outros e outras têm feito, para que experimentemos, de fato, o Bem-Viver. Estaremos provocando o florescimento da nova vida, em micro/ macrocosmos. Criando novos mundos de pensar, de sentir, de fazer, de amar, de caminhar, nos múltiplos e tão distintos universos que inventamos para habitar.

BIBLIOGRAFIA:

GUEDES TRINDADE, Ana Felícia. **Pedagogia Poiética para a Potência Humana : o reconhecimento, a nutrição e a expansão da potência humana das comunidades aprendentes, em processos poiéticos colaborativos de reorientação curricular pedagógica cultural, e as tecituras transdisciplinares das alfabetizações de mundos em rodas de conversações** – Tese de Doutorado. Repositório Digital da Biblioteca da PUC/RS - Porto Alegre, 2015.

GUEDES TRINDADE, Ana Felícia. **Educação Bioantropoética. Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida e a Potência dos Processos de Convivências Humanas**. 1.ed.-Curitiba: Appris, 2015.

MORAES, Maria Cândida. VALENTE, José Armando. **Como pesquisar em Educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. **O Método 1. A natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **O Método 2. A Vida da Vida**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **O Método 4. As idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **O Método 5. A Humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O Método 6. Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Editora Sulina, 2007

TRINDADE, Ana Felícia Guedes. **Práticas Pedagógicas que pensam a Ética da Vida com crianças e jovens: buscas e reflexões a partir da Bioantropoética e da Matriz Biológico-cultural da existência humana**. Dissertação de Mestrado. Repositório Digital da Biblioteca da PUCRS. Porto Alegre, 2011.